

O VESTIDO COR DE FOGO

I

Por esse tempo, era eu um rapaz fogoso e robusto. Com a minha saúde, a minha mocidade e a minha inexperiência, (posto me considerasse já muito experiente) não saberia, ainda, aprofundar fosse o que fosse. Mas tinha ideais. Os meus ideais eram nítidos, simples, generosos, e apareciam-me como absolutamente certos. Nascido e crescido no seio duma família burguesa — portuguesa à maneira tradicional — seguia quase sem dar por isso muitos dos conceitos, preconceitos, juízos, costumes e crenças da minha família. De alguns, porém, me afastara provisoriamente o género de vida que levava em Coimbra, a influência de certos livros aliás nem sempre bem entendidos, a de vários companheiros, a própria natureza dos meus estudos: Acabara de me formar em Medicina. Partira para Lisboa, onde montara consultório sob patrocínio duns parentes bem relacionados.

Assim é que professava em política ideias tidas por *avançadas*; deixara de praticar quaisquer actos do culto religioso; preocupava-me, ou julgava preocupar-me, com coisas de ordem social; e cria, e fervorosamente me propunha, trabalhar para o progresso da humanidade. No fundo, representava muito melhor do que podia sabê-lo eu próprio o tipo social da família a que pertencia.

Mas era, indiscutivelmente, uma natureza generosa e ampla, bem inclinada. Sem vaidade parva nem falsa modéstia o digo, — com a sinceridade que, neste pequeno depoimento, procurarei manter em tudo que diga.

Entristeciam-me, pois, quer a miséria, quer a ignorância, quer o atraso moral que deprimem ainda tantos seres, alguns dos quais estruturalmente honestos, porventura superiormente inteligentes, e trabalhadores desde tenra infância à extrema velhice. Incomodavam-me todas as formas de fanatismo e sectarismo estreito: tanto de carácter religioso, como social ou político. Via (ou supunha ver) irmãos meus em todos os homens; pensando, embora, que muitos deles haviam de ser corrigidos, ensinados, até combatidos, até severamente castigados. Amava, amava as mulheres com sensualidade, estima e ternura. Sinceramente me julgava, perante elas, um sensual, um sentimental e um idealista. Decerto me não tinham inspirado grande ternura ou respeito as que até então fisicamente amara. Mas até essas não pudera amar (amar da maneira que qualifiquei) sem uma ponta de afectividade e umas veleidades de moralista regenerador. Em qualquer dos casos, nunca chegava a desprezá-las. As mais desgraçadas me pareciam simplesmente desgraçadas: ou irresponsáveis dignas duma caridade superior, ou vítimas inocentes das circunstâncias e do mundo. Claro que não existiriam, estas, numa sociedade mais bem organizada. Preparava-me eu para colaborar, com as minhas fracas forças, no advento de tal sociedade.

Confessarei que nem sempre as minhas atitudes exteriores para com as mulheres correspondiam aos meus verdadeiros sentimentos íntimos ou juízos. Acusaram-me algumas de ser duro, autoritário ou caprichoso; e bem certo que muitas vezes as tratava, pelo menos, com impaciência: Há tantas coisas miudinhas nas mulheres, — que lhes são tão importantes! e que a gente dificilmente pode compreender...

Estava satisfeito com a profissão em que me *ia treinar*, pois acreditava poder ela satisfazer, em grande parte, os meus anseios de bondade humana, protecção aos mais fracos, serena altivez perante os poderosos, assistência gratuita aos desvalidos, etc.

Esperava encontrar uma doce companheira que abençoasse com olhos de agrado estas minhas louváveis disposições, animando-me e consolando-me nas horas amargas, partilhando comigo a plenitude dos momentos de triunfo... Em suma: o eterno sonho da clássica felicidade do lar! E a mim mesmo prometia levar uma vida limpa, corajosa, activa, calma apesar dos inevitáveis embates, — e bem diferente da que via ser aspiração de vários meus camaradas de estudo, ou realidade florescente de muitos meus conhecidos. Assim esperava chegar à velhice acompanhado pelo amor de minha mulher, a afeição de meia dúzia de amigos escolhidos, e o respeito dos filhos a quem deixaria não uma fortuna, mas um bom nome e um bom exemplo.

Era pois, por esse tempo, um simpático rapaz ingénuo, saudável, idealista, — a ponto de várias vezes ter que esconder de meus camaradas precisamente as excelências do meu carácter. Até já por esse tempo suspeitava que os mais dos homens odeiam, desprezam ou escarnecem as nossas mais autênticas virtudes, — pelo menos quando as não sustentem as trombetas da celebridade, os triunfos materiais, ou quaisquer bens de igual jaez. Não obstante a minha ingenuidade e a minha inexperiência, até já por esse tempo suspeitava esta dolorosa verdade. Cria, no entanto, que sempre as nossas verdadeiras virtudes acabam por se impor — e nos impor. Estava, pelo menos, decidido a impor eu as minhas.

Se neste esboço do que então era me favoreço a mim próprio, não sei. Tal não é minha intenção. Mas tão vulgar se torna iludir-se a gente quando fala de si! principalmente quando pinta um auto-retrato duma época sempre lembrada com embevecimento! Não devo, não posso garantir a semelhança objectiva deste meu breve auto-retrato. Só posso garantir a minha sinceridade ou boa fé ao esboçá-lo. Isso, posso.

II

Sucedeu então que pela primeira vez vi Maria Eugénia, num baile. Foi num baile de Carnaval, em casa particular. Os donos

da casa eram gente rica, mas de riqueza recente. Não tinham, pois, ensaiado grandes esforços para a esconder: Se o ambiente não demonstrava requintado gosto, era, porém, de luxo e facilidade.

Algumas raparigas estavam fantasiadas. Lindamente vestida à moda dos bons tempos românticos, (ou assim me pareceu) Maria Eugénia brilhava como princesa da festa. Notei-a logo que entrei na sala. Como fora levado por um amigo, ou coisa parecida, muito popular entre a juventude feminina elegante, pedi-lhe que me apresentasse. Ele olhou-me nos olhos, sorriu-se, e disse-me, erguendo ameaçadoramente o dedo:

— Cautela...

— Há grande perigo?

Encolheu um pouco os ombros, com um trejeito da boca:

— Nunca se sabe.

Mas tomou-me pelo braço e foi apresentar-me.

Dancei com ela várias vezes, conversámos. Era um prazer levá-la nos braços, leve como uma pluma, sentindo, ao mesmo tempo, arfar o seu busto como o corpo duma pomba que se agarrou. Também era um prazer falar-lhe, ouvi-la falar. A sua conversa pareceu-me despreziosa, viva, quase infantil. No fim da noite, (depois mo contaram) já várias pessoas presentes bordavam maliciosos comentários sobre as minhas atenções para com o meu par. Na verdade, ao reentrar essa noite no quarto, eu estava apaixonado.

Maria Eugénia era pequenina, (eu, pelo contrário, sou um homem alto e forte) mas tão bem proporcionada, tão bem-feita, que, sozinha, parecia de estatura normal. Se nela havia alguma desproporção, essa redundava ainda num esquisito encanto: Sim, tinha o pescoço talvez demasiado alto; mas fino, flexível, branco — duma brancura ardente que o natural rosado da face ao mesmo tempo completava e salientava. Com uma pele de tal finura e cor, grande erro fora pintar-se. Efectivamente, só pintava os lábios. Esses, porém, lembravam uma pequenina chaga em sangue. Os seus cabelos eram dum castanho batido de reflexos de oiro. Os olhos grandes, um bocadinho salientes, glaucos, cheios

de luz. E todos os seus mais traços e feições, não sendo de impescável correcção, continuamente os animava uma sedutora expressão de infantilidade e curiosidade. Quase se tornavam comoventes.

Eis a minha mais pertinaz lembrança da Maria Eugénia que primeiro conheci. Propriamente do que dissemos essa noite, não conservo recordação nenhuma. Decerto, eu mal sabia o que estava dizendo; e a qualquer coisa que ela dissesse acharia encanto. Foi a sua pele, foi o seu colo, foram os seus cabelos e os seus olhos, foi o seu pescoço alto, foi o riso daquela sua boca pequena, escarlate, carnuda, foi o que nela havia de inquietantemente feminino aliado a não sei quê de criancice, — que desde logo me atraíram. Por isso entro aqui nas particularidades do seu retrato. Mas durante meses julguei que sobretudo me inspirava ela um meigo sentimento de ternura. De facto, a minha ternura por ela era muito real. O género dessa ternura, é que eu não sabia ainda distinguir.

III

E começou entre nós aquele período que chamam de namoro. Maria Eugénia era filha única dum oficial reformado e uma senhora que, parece, não recebera em solteira grande educação. A posição e as relações do marido lhe tinham dado certo verniz. Não era preciso muito mais para que D. Altina (tal era o nome de minha futura sogra) fizesse no meio burguês que se tornara seu a figura decente de qualquer outra. Não obstante, algumas vezes, entre si, aludiam as suas mais familiares amigas à condição inferior donde viera. E o mais inocentemente deste mundo repetiam engraçadas anedotas a respeito das suas faltas de tacto, das suas pretensões, dos seus vícios de vocabulário ou pronúncia, das familiaridades que tinha com as criadas, etc. Coisas para matarem o tempo, e só entre si, pobres senhoras! Mas não tanto só entre si, que, pelo menos ao princípio, se resguardassem grandemente de as poder eu ouvir. Cheguei a suspeitar que, permitindo-me ouvi-las, de bom grado contribuiriam para me afastar

dum casamento considerado desigual. Na sua opinião implícita senão manifesta, (e o que provava a imparcialidade dessa opinião era precisamente serem elas amigas de «aquela boa D. Altina») a muitos respeitos superava o marido de tão boa senhora a sua respeitável consorte... Não sei se pretenderiam insinuar a possibilidade de se repetir o caso no casamento da filha. A verdade é que também elas eram mães de jovens donzelas casadoiras, — cada uma das quais poderia convir muito melhor a um tão simpático partido como eu.

Ora se tendiam tais insinuações e conversas a desgostarem-me de possíveis intentos matrimoniais, — baldadas conversas, baldadas insinuações! Não me fora preciso muito para cordialmente ser recebido em casa do coronel Valadares. Cada vez mais apaixonado, nada fazia eu para esconder a razão das minhas repetidas visitas. Dentro em pouco, era o noivo reconhecido da *menina*.

Cada vez mais apaixonado, — disse. Na verdade: cada vez mais apaixonado! Porquê? Nem o sabia. Só a experiência do casamento mo ensinou. Tudo, na pessoa física de Maria Eugénia, exercia em mim uma atracção de carácter secreto ou fatal. O ela ser pequenina, o ter o pescoço quase demasiado alto, o mostrar, quando ria, (e tantas vezes ria!) um dentinho meio sobreposto aos mais, — bem podia eu entender que se tornassem defeitos para outro. Para mim, adquiriam qualquer coisa de íntimo e tocante, que me enternecia. Eram *coisas dela*, particularmente suas, faziam parte dela. E a macieza da sua pele, os brilhos doirados do seu cabelo, a gentileza e firmeza das suas formas, a luminosidade dos seus olhos variando entre o castanho-claro e o verde, — faziam-me sonhar a posse dessa adorável criaturinha como uma felicidade que eu não merecia. A mim próprio me prometia tratá-la com requintes de amante poeta, e carinhosos cuidados de pai ou irmão mais velho; ainda que a diferença das nossas idades não fosse grande. Mas, a meu lado, Maria Eugénia parecia tão frágil, tão delicada, quase tão pueril...!

Como filha única, e assim franzina de constituição, sensível de saúde, — ela fora mais amimada que educada. Sem dúvida a

sua cultura era deficiente, mesmo para uma rapariga. Facilmente entristecia se a contrariavam. E, muito feminina, simultaneamente muito infantil, guardava consigo não sei quê que eu não conhecia, onde eu não entrava, que ela defendia, reservava ou disfarçava como instintivamente, e, por isso, exacerbava quase dolorosamente a minha contínua curiosidade de ela, o meu tão delicado como violento e másculo desejo de a fazer toda, toda minha. Tão meiga e frágil, tão maleável, tão pronta a satisfazer-se com qualquer pequena condescendência, tão inclinada à jovialidade e à fantasia, — decerto se deixaria moldar como cera branda logo que soubesse eu tocar-lhe com dedos finos, finos e firmes, dedos de marido e amante... Mas os meus dedos tremiam só de roçarem a sua pele transparente, as ondulações do seu cabelo, a forma do seu joelho ou do seu ombro. Os meus dedos tremiam, todo eu vibrava. Ansiava possuí-la para poder, depois, amá-la com mais serenidade.

Às vezes, pensava comigo: «Mas como sucedeu *isto*, assim tão depressa, porquê?» Na verdade bastara o meu encontro com ela para eu sentir que a queria minha, e ela me estava destinada. Vir a tê-la — era como *recuperar* alguém que já me pertencia. E em certos momentos me inquietava, ou quase assustava, o que nisto havia de obscuro e poderoso.

IV

Com tais extremos e fervores a tratava, que, meio a sorrir meio séria, meio triste, ela me disse, uma vez:

— Olha que eu não sou nenhuma santa! Tenho os meus defeitos... até dizem que muitos.

— Bem sei — respondi-lhe eu, encantado. — Nem eu podia amar uma santa, ao menos como te amo a ti! Quero uma mulher... uma mulherzinha como tu...

Estávamos em vésperas do grande dia; e já, então, muitas vezes os meus beijos afogavam e completavam as minhas palavras.

Não me ficou uma lembrança muito feliz do dia de noivado. Ter de figurar, de representar, de desempenhar um papel exterior e capital nos acontecimentos e cerimónias do dia, — pouco prazer me deu. Tanto mais que meus sogros haviam caprichado em revestir de espectáculo e pompa o casamento da filha. Esse dia só me era grato por ser início duma felicidade que eu ansiava por experimentar, por assegurar. E eu ansiava não só possuir Maria Eugénia, como principiar completando a sua educação ao sabor do meu feitio; ou antes: dos meus sonhos, e do lar que idealizava. Só pensando que esse era o primeiro dia da minha felicidade, — o suportei.

A nossa viagem de núpcias foi breve. Eu começava a ter uma boa clientela, que não podia abandonar por muito tempo. A minha embriaguez, a nossa embriaguez, é que se prolongou bem para além da viagem de núpcias. A minha embriaguez, — digo bem: O termo *felicidade* por um lado exprimiria mais, por outro menos. Era de embriaguez o estado em que então vivia. Tanto assim que, por vezes, nuns esquivos mas fulgurantes momentos de lucidez e cansaço, (aliás cansaço ainda gostoso) eu me surpreendia aspirando à felicidade mais regular, mais tranquila, mais honesta, em que decerto ia entrar, e depois decorrer, a nossa vida comum.

Mais *honesto*, — disse. Disse uma coisa terrível... Como, quando, porquê, em que dia me veio a mim pela primeira vez esta verificação de não ser inteiramente honesta a nossa vida? Só me lembro que me assaltou não sei como, chegando de improviso lá das profundezas da subconsciência em que certamente andara germinando, — num qualquer dia, ou instante, de saciedade. Mas, tendo vindo uma vez, depois reaparecia em momentos idênticos, rápida como um clarão, intensa como ele, e perdendo-se logo, ou apagando-a eu logo, na consciência do prazer com que vivia.

Porque nesse tempo, eu tinha muito gosto na vida! Com tal deleite me deixava ir vivendo, tão agarrado estava, por todos os sentidos, à minha embriaguez, que chegava a recear morrer inesperadamente. Tardes havia, quando me achava só comigo na pe-

numbra do crepúsculo, em que uma vaga inquietação me atormentava: «Isto não pode durar...» Tal inquietação como que se prendia àquele meu sonho duma vida mais regular, mais tranquila, mais honesta... Mas aquilo ia durando. Muitas mulheres conhecera eu antes; e algumas cria, até, haver amado um pouco. Só agora, porém, conhecia verdadeiramente a voluptuosidade, — ou a minha capacidade de me afundar nela. Só agora, que me casara, sabia o que era ter uma amante, que era minha mulher. Quero dizer que a minha embriaguez se comunicara à minha bela cúmplice. A voluptuosidade era como um tépido, mole, envolvente chão movediço em que nos enterrávamos devagar, devagar, enlaçados, multiplicado e requintado o prazer de um pelo do outro. O meu orgulho de macho podia estar satisfeito. Não obstante, — como dizê-lo? — não obstante, também, por vezes, me vinha, quer logo após as nossas loucuras de amor, quer nos momentos de inquietação e lucidez em que sentia dever entrar a nossa vida noutra curso, também por vezes me vinha uma espécie de espanto: Como podia aquela criaturinha tão frágil, tão delicada, tão espiritual e franzina, corresponder assim, nos meus braços, ao meu delírio...?

E nem ousava levar adiante o meu pensamento, sentindo que estava a ofender minha mulher. Hoje, posso ousar dizer tudo: Ora me parecia haver em Maria Eugénia uma chama sempre mais ou menos pronta a ser ateada, e levantar labaredas, ora (e a imagem diz afinal o mesmo, só é mais brutal...) ora uma pequenina fera terrível, insaciável, que, por menos que eu a provocasse, estava pronta a rugir, a manifestar-se, a estorcer-se...

Aliás, nem Maria Eugénia era tão frágil e franzina como parecia: O que lhe dava essa aparência — e uma aparência que se mantinha a despeito de tudo — era ser pequena, admiravelmente proporcionada, e fina em certas linhas e feições. Também, depois, cheguei a reparar numa sua particularidade comezinha, familiar, que quase me envergonhei de ter notado, e quase me envergonho de inserir (mas tem de ser) neste penoso documento: É que a todas as refeições comia bem, talvez demasiado bem para o que eu supunha ser a alimentação duma rapariga delicada. Mas também, afi-

nal, não era ela uma rapariga de saúde precária! Vim a reconhecer que, pelo contrário, tinha uma constituição muito mais resistente do que, nem sei bem porquê, eu julgara: Talvez porque seus pais ou ela própria o julgassem, ou aparentassem julgar.

Claro que tais observações as não poderia fazer senão nos intervalos da nossa embriaguez, ou quando já essa embriaguez se ia atenuando numa certa saciedade.

VI

Pois como durar toda a vida aquela embriaguez primeira? As horas de saciedade começaram a multiplicar-se, a prolongar-se, de modo que o meu desejo de Maria Eugénia já se não reacendia senão a espaços mais ou menos regulares, embora frequentes. Quando falo do meu desejo de Maria Eugénia, quero dizer aquele desejo que exige satisfação imediata e activa. Porque a sua simples presença física continuava a exercer poderosa influência em mim. Vê-la, ouvi-la, tocar-lhe, farejá-la, respirá-la, pensar comigo: «é minha! minha!» — continuamente alimentava em certa parte do meu ser uma volúpia morna, uma disposição ao desejo que qualquer gesto, qualquer pretexto, podia levar ao paroxismo.

Isto, sabia-o ela. E quando, pelo fim da tarde, após o meu dia trabalhoso, de pantufas me estirava no *maple* da nossa casinha de estar, repetindo comigo ao vê-la cirandar, esbelta e fresca: «é minha! minha! posso tê-la quando quiser! quantas vezes quiser!», — ela voltava-se de repente, um meio sorriso como que lhe pasmava no lábio pequenino, carnudo, os seus olhos esverdeados e luminosos enterravam-se nos meus com audácia, e eu compreendia que era inútil envergonhar-me de ela me haver adivinhado. Maria Eugénia não desgostava de ser tão constantemente desejada! tão fisicamente desejada. E aquela audácia dos seus olhos procurando sofregamente os meus, e dos meus afundando-se nos dela com tal intensidade, — já era um acto sexual.

«Mas é assim que devem viver marido e mulher?» pensei um dia «É este o lar que sonhei?»

VII

Impossível saber, mais tarde, quando em verdade nos acudiu pela primeira vez um pensamento que depois se nos enraíza na alma, tornado obsessão; principalmente se, antes de ser claro, já sob a forma de intuição, pressentimento, inquietação, ou não sei quê, nos persegue das obscuridades da subconsciência.

«Mas é assim que devem viver marido e mulher? É este o lar que sonhei?» Tais interrogações abrem uma época nas minhas relações com Maria Eugénia. Bem certo que já as pressupunha certa minha aspiração a uma vida mais honesta. Mas só agora se me formulavam distintamente. Talvez o mais grave, porém, fosse não terem elas começado a perseguir-me como ideia fixa, como preocupação dolorosa, senão depois dum minúsculo incidente que nunca mais esqueci. Disto me lembro, — que tal incidente precedeu não digo já as minhas dúvidas, digo as minhas pungentes meditações sobre a *moralidade* do nosso género de casamento.

Uma vez, tínhamos ido a um espectáculo de circo. A dada altura, uma rapariga, no meio da arena, jogava com quatro esferas que apanhava nas mãos, e se cruzavam e entrecruzavam no ar, descrevendo curiosas geometrias em movimento. Voltei-me para Maria Eugénia, ia dizer-lhe qualquer coisa... quando vi que ela não seguia o trabalho da artista. Os seus olhos fixavam-se agudamente em qualquer ponto, e eu segui a direcção desse olhar: No pequeno corredor por onde os artistas entravam em cena, estava um homem. Era um belo homem, novo e forte, quase nu, — um atleta que decerto esperava o momento de exhibir o seu número. Então, com um sobressalto quase imperceptível, Maria Eugénia voltou os olhos para os meus, (o seu pequenino lábio carnudo, rubro, pendia um pouco em certas ocasiões); mas ela compreendera que eu seguira a direcção do seu olhar, — um olhar ávido, intenso, profundo, arrojado, que por de mais eu conhecia. Corou ligeiramente, (ou foi sugestão minha?) eu balbuciei o que queria dizer-lhe, ela respondeu-me com um desembaraço talvez afectado... Eis tudo. Mas este minúsculo incidente foi o início duma nova fase da nossa vida conjugal.

Sim, eu conhecia o ardor daquele pequeno corpo esbelto, ao mesmo tempo delicado e firme, sólido e flexível, que uma força como estranha convulsionava, em certos momentos, tornando-o quase terrível... Só me não lembrara ainda, ou me não detivera a pensar nisso, que tal ardor pudesse, alguma vez, solicitar outro homem. Compreendia agora como podia ser; como seria natural, ou fatal, mais cedo ou mais tarde. Mas é que já era! Minha mulher admirara, desejara aquele Apolo de circo. Em pensamento, em imaginação, e ao menos por uns segundos, praticara com ele aquilo que lhe eu ensinara a ela...

E uma disposição que não tivera ainda oportunidade de reconhecer minha própria, ou nenhuma outra mulher pudera ainda ter-me revelado, acordou em mim com uma violência que me aterrava: a disposição para o ciúme. Comecei, então, a observar Maria Eugénia desse ponto de vista. E verifiquei — mas como o não verificara ainda? em que cegueira pudera ter vivido? — verifiquei que não só Maria Eugénia atraía muito particularmente a atenção dos homens (qualquer coisa, nela, como que alarmava o seu instinto) mas também os olhava muito ela mesma. Não seriam, até, os olhos dela que às vezes chamavam os deles?

Isto, como o não notara ainda? A própria dissimulação de Maria Eugénia a denunciava: Os seus olhares eram rápidos, absorventes, profundos, vibrados como golpes certos, — e logo ela olhava indiferentemente para outros pontos, e fingia terem sido casuais, também indiferentes, os seus primeiros olhares, e falava de qualquer coisa com uma verbosidade afectada. A verdade é que ela olhava muito os homens, embora sem insistir; embora *recolhendo* logo os olhos. Um furtivo olhar agudo lhe bastava para os examinar, os avaliar. E alguns havia que, sem dúvida, atraíam particularmente os seus olhos. Quero dizer que minha mulher os olhava do mesmo ponto de vista que geralmente nós temos, homens, para olhar as mulheres.

Então me veio esta dúvida humilhante e pungente: O que logo me impressionara em Maria Eugénia, e tão depressa me fizera crer que a amava a ponto de logo resolver torná-la minha mulher, — não seria muito simplesmente o mesmo que sobre ela

chamava o interesse de qualquer homem? Não seria apenas a voluptuosidade que ela exalava como uma flor venenosa exala o seu perfume? aquele surdo mas ardente convite ao sexo, que todos os homens sensuais *ouvem* tão bem? O geral dos homens sabem perfeitamente do que se trata. São experientes, corruptos, cépticos, viciados. Quando conhecera Maria Eugénia, eu era ainda um sensual demasiado puro para o saber...

Não, eu não queria crer nisto! eu não podia crer nisto! Nem, decerto, estas coisas que hoje digo com uma precisão brutal, ou uma clareza pesada, as via, ou pensava, então, de igual modo. Sem dúvida influem na minha precisão ou clareza actual os vários acontecimentos posteriores. A verdade, porém, é que o meu ciúme despertara, e muitas vezes rugia em mim furioso. Muitas e muitas vezes me era um tormento, um contínuo alarme torturante, — passear, pela rua, com Maria Eugénia pelo braço... A verdade é que terríveis dúvidas se tinham erguido em mim — e nunca, depois, deixaram de me triturar.

Foram elas que me esclareceram sobre o género de vida que íamos levando: Nós não tínhamos um lar. Nós não éramos marido e mulher, apesar daquela cerimónia que havíamos realizado, e a nossa religião eleva a sacramento. Nós não passávamos de dois amantes; e já entre nós se esboçavam aquelas tempestades e perversidades, aqueles conflitos e dissentimentos que são usuais numa união de amantes. Ora a culpa era minha, se a nossa ligação não chegava a tornar-se um sacramento. A culpa era minha, que só educava minha mulher para a sensualidade. Como não seria natural que ela começasse a *ver* outros homens, sonhando neles possíveis instrumentos de variações do único prazer que lhe eu ensinara? E ah, como eu desejava que em verdade a culpa fosse toda minha!

VIII

Comecei, então, a estudar minha mulher doutros pontos de vista. Propus-me educá-la — fazer dela minha amiga e companhei-

ra. Esforcei-me por moderar os próprios transportes a que me arrastava a sua carne... a minha carne. E desejei um filho que estabelecesse entre nós laços mais graves e mais íntimos, e a ocupasse, a ela, com as alegrias e os cuidados de mãe.

Como disse, antes de casar, eu tinha não só preocupações de ordem social, como pretensões a ser alguém no campo dos meus estudos profissionais. Decerto me conhecia então muito insufficientemente! e me conhecia mal ainda agora: Embora breve, a experiência da vida comum com Maria Eugénia já bastava a fazer-me suspeitar ignoradas complexidades da minha natureza. Todavia, sem dúvida havia em mim sinceras preocupações de ordem social ou científica. Sobretudo a mortalidade infantil — suas causas, seus problemas e meios de assistência — era assunto que me interessava, e em que me propunha especializar-me. Assinava muitas revistas, lia bastantes livros, dedicava-me aos casos que me apareciam.

Com o meu casamento, insensivelmente me ia tornando um médico como qualquer outro. Quero dizer que a minha profissão me não vinha sendo, nos últimos tempos, senão o que é, para qualquer indivíduo sem aspirações, qualquer profissão: um meio de ganhar a vida. E como as *toilettes* de Maria Eugénia ficavam caras — ela amava o luxo e eu gostava de a trazer elegante e contente, invejada pelas outras — quase sem dar por isso ia renunciando aos meus ingénuos sonhos de ser um médico dos pobres, um amigo das crianças infelizes, um homem bom, independente, moral, uma excepção no meio da corrupção que via alastrar-se, e me afligia... Pelo contrário, principiara agora a procurar uma clientela de cabotinos ricos. As minhas próprias maneiras se tornavam mundanas. E pouco a pouco me fazia um profissional apressado, hábil mas insensível, interesseiro, cultivando a sua reputação pelo que uma excelente reputação garante de lucros superiores: precisamente, em suma, o tipo do médico elegante e *recherché* que aprendera a detestar. Ora neste declive — eu triunfava! Já ia conquistando uma freguesia rica, já quase estava na moda, já se me ofereciam, até, aventuras amorosas que tinha o tacto de não repelir abertamente...

Quanto a Maria Eugénia, parecia folgar com esta minha vitória. Parecia não compreender que era uma sinistra vitória sobre os meus sentimentos mais generosos e a minha natureza mais delicada. Vendo-me adulado, procurado, bem recebido, e vendo-me ganhar dinheiro, — mostrava-se orgulhosa de mim; começava a admirar-me sinceramente; (pois me parecia agora que ela não poderia ter-me admirado antes).

Tudo isto — tudo isto o fui vendo fechado no meu gabinete, quando, tendo-se-me revelado a torva disposição ao ciúme, e principiando eu a considerar as sombras do carácter de Maria Eugénia e certa imoralidade em que iam decorrendo as nossas relações, naturalmente me recurvei sobre mim mesmo, a interrogar a minha própria personalidade e a minha própria vida, além de outros casos, outros problemas... Como, desde que me soubesse em casa, Maria Eugénia se habituara a borboletear em redor de mim, — eu inventava pretextos de trabalho urgente para me encerrar com os meus livros, as minhas revistas, os meus exames de consciência. Ainda o não fazia senão às vezes. Mas, pelo melancólico prazer que experimentava em me sentir ali encerrado, defendido por aquela porta que separava o meu mundo particular de tudo o mais, compreendia a minha necessidade de criar um isolamento onde ninguém entrasse... onde a minha mulher não entrasse... onde, a sós comigo, pudesse voltar ao que dantes era. Ainda fugia de o reconhecer; e nem por isso podia deixar de ver que, nos intervalos da nossa vida sensual e dos nossos brinquedos voluptuosos, — a presença de Maria Eugénia me começava a enfastiar, ou a pesar, ou a impacientar. Sem consentir, embora, em alimentá-la, tinha uma tendência para levantar pequeninas questões *contra* ela. Tanto mais que me obsidiava o mesmo vago, informe, complexo, turvo sentimento de ciúme.

Neste entretanto me agarrei ao propósito de educar minha mulher *para mim*, tal como eu era consoante os meus melhores aspectos, e para o lar que sempre idealizara. Desde então me atormentava o remorso de a estar abandonando — sempre que (e, na realidade, para lhe fugir por alguns momentos) me fechava no meu gabinete de trabalho. Assim as dificuldades se amontoavam

sobre a minha pobre cabeça, e a complexidade do nosso caso me affigia. Que bem se enganaria quem, pela nossa aparência em público, me julgasse a mim um marido feliz! No entanto, essa era a opinião pública, a nosso respeito: Nós éramos um modelo de casal feliz. Sê-lo-ia, ao menos, minha mulher, independentemente da satisfação que, sem dúvida, lhe proporcionavam os meus triunfos mundanos? Por certos fugidios mas reveladores indícios, parecia-me, às vezes, que nem sempre. Mas porquê? Porquê, se para a poupar abafava eu comigo as minhas tristes perplexidades?

IX

Talvez porque as mulheres pressentem, farejam certas miudezas e subtilezas do sentimento. E talvez também por uma simples razão: Porque Maria Eugénia se aborrecia. Decerto, gentilmente ouvia o que eu tentava comunicar-lhe da minha vida profissional, dos casos que me apareciam, dos meus estudos e dos meus interesses. Mas era a gentileza convencional de quem, por exemplo, atende uma visita bastante maçadora. Eu era então para ela uma visita que fala; um estranho a quem se tem de ouvir com ar de agrado. Os seus olhos olhavam-me, e eu não via neles nenhuma atenção viva; o sorriso que mais ou menos entreabria a sua boca devia acabar por cansá-la; e às vezes, sem dar por isso, Maria Eugénia bocejava.

«Sou parvo!» pensava eu comigo, desesperado, procurando desculpá-la «Isto não são conversas para mulheres! Qualquer outra mulher se aborreceria com semelhante conversa. É preciso saber interessá-las, falar à sua sensibilidade...»

O esforço que fazia para me escutar, também o fazia Maria Eugénia para ler os meus livros; isto é: os livros que lhe eu recomendava. Porque eu me propusera substituir por obras mais sérias, embora recreativas, as eternas novelas sentimentais e futilíssimas que espontaneamente ela escolhia. Breve constatei que não levava até ao fim a maior parte das obras (precisamente as que eu tinha por melhores) e me mentia dizendo-me haver ter-

minado a sua leitura. Quando realmente as lia, não era senão pelo mero interesse da parte anedótica. Assim as confundia com as obras falsas e medíocres de sua natural preferência, ou as não distinguia dessas senão no sentido depreciativo. De modo que toda a sua boa vontade redundava num esforço estéril e difícil. Depressa dei conta de se lhe tornarem não só enfadonhas mas até penosas, até humilhantes, as conversações aliás muito rudimentares que eu ensaiava a tal respeito...

Sim, humilhantes: Bem eu percebia no seu pobre sorriso forçado o vexame de quem não compreendia, e sentia a tácita condenação alheia. Se me respondia, e falava, que dizia senão inépcias, puerilidades, ou coisas ouvidas a mim próprio, e deturpadas? Quando, porém, ficava calada a ouvir-me, era sempre o mesmo ar embaraçado, abatido, que não conseguia dissimular por muito tempo... Não sei quê apontava na sua expressão, não sei quê de vexado, ressentido, quase ofendido, que a mim próprio acabava por dolorosamente me constranger. Lembrava-me, então, que bem fácil seria aparecer um desses belos palradores vazios, inconscientes e engraçados como papagaios, que lhe contasse anedotas estúpidas, a lisonjeasse, a envolvesse na sua vivacidade sem conteúdo — e a seduzisse. Para isso lhe bastaria adular a sua mediocridade e excitar, habilmente, a sua sensualidade... aquela sensualidade cuja sofreguidão eu tão bem conhecia. Qualquer força, então, rugia ou fervia surdamente dentro de mim; e eu surpreendia-me a odiar minha mulher — como se já fossem realidade patente essas minhas puras imaginações.

A verdade é que ora me inspirava uma piedade profunda, tocada de compreensão e desânimo, aquele ar humilhado e ofendido de Maria Eugénia quando lhe eu falava em coisas acima dos seus reais interesses, ora uma hostilidade complexa e violenta. «Cheguei tarde, é tarde. Ela foi mal educada, pobre rapariga!» pensava eu, noutros momentos. «Pobre rapariga» — era como pensava nela quando qualquer coisa me predispunha à benevolência em seu favor. Esta qualquer coisa era geralmente uma ternura (chamemos-lhe assim) de natureza sexual. Mas noutros momentos me atravessava o espírito este grito de raiva e desespero: «Ela é estúpida! é vulgar!»

Ousarei confessar que até isso, esse grito de raiva e desespero ou o sentimento que ele exprimia — excitava uma certa minha sexualidade, (nem ousou dizer voluptuosidade, embora o fosse; nem ousou dizer sensualidade) excitava uma certa minha sexualidade perante ela? Ousarei confessar que o amor sensual que me ela inspirava — em dados momentos se ia tornando rancor, sem deixar de ser sensual? e que a minha sensualidade rojava, assim, nuns abismos de perversão ou grossaria de que nunca me julgara eu capaz? e que a posse do seu corpo, da sua carne, me não era então senão uma espécie de sinistra vingança, repugnantemente saborosa...? Basta. Ouso dizer tudo, porque me prometi a mim próprio dizer tudo neste doloroso depoimento.

O que havia de poderoso e terrível no meu amor sensual por minha mulher, é que se alimentava de tendências minhas as mais obscuras e contraditórias; ou simplesmente variadas. Assim, por exemplo, bem eu sabia que de algum modo, ou ponto de vista, ela não era estúpida. Mas era como se o fosse para certas minhas pretensões, aspirações, inclinações, que eu tinha por superiores. E pouco a pouco, independentemente dos momentos perturbados em que os meus sentimentos para com ela atingiam uma complicação, uma estranheza, que a mim próprio me surpreendiam, — eu ia, permanentemente, deixando de a estimar. Sentia que nunca chegaria a fazê-la interessar-se pelo meu mundo profissional e cultural; ou por mim como homem desse mundo. Assim o meu mundo que eu supunha mais alto lhe ficava fechado... e eu tinha de me fechar nele, só. Desanimei. Desisti. Desisti, acusando-me embora de não saber esperar, dar tempo ao tempo; continuando, embora, experiências e tentativas que de antemão sabia improficuas. Como um naufrago me agarrava a uns últimos recursos da esperança que já não possuía.

O caso é que, se eu tomasse Maria Eugénia nos braços e a sentasse nos joelhos, e brincasse com ela como se brinca com uma amante, oferecendo à voluptuosidade pequenas e saborosas satisfações excitantes doutras mais completas, ela seria feliz. O caso é que seria feliz se a deixasse falar (e então se exprimia com vivacidade, graça, pitoresco, verve...) sobre as coisas que a

ela em verdade lhe importavam, e a mim não: questões com as criadas, bisbilhotices a respeito dos vizinhos, os namoros ou casamentos das amigas, os pequeninos escândalos da roda das nossas relações, bagatelas de *toilette*, divertimentos... Mas ai, nem sempre estava eu agora disposto a fingir interessar-me por tais ninharias, que ma tornavam vulgar! Nem sempre me inclinava a condescender com a sua mediocridade. E então, pelo meu ar de enfado, o meu silêncio, ou mesmo qualquer comentário irónico à importância por ela dada a tais motivos de conversa, Maria Eugénia, súbito, caía em si: percebia que me estava enfadando. Tentava outros assuntos... mas como era inepto o que dizia! Como era afectado, ou constrangido, o tom com que o dizia! Bem preferível tê-la deixado falar das coisas que em verdade lhe importavam — as do seu pequenino mundo.

Decerto, às vezes me recriminava eu próprio: Por que não deixá-la ser como era? Não era amorosa, meiga, alegre? Não me encantava, dantes, nela, o que me aborrecia agora? Tinha eu alguma grave razão de queixa contra ela? Haveria coisa mais insensata que os meus ciúmes, nascidos de pequenos motivos afinal naturais em qualquer mulher nova e ardente? E não seria feliz com ela qualquer outro — outro que não tivesse as minhas esquisitices e as minhas exigências? alguém que não tomasse por superioridade própria o que bem podia ser estreiteza de espírito, deficiência de compreensão, falta de caridade e verdadeiro amor...?

Desgraçadamente, eu era assim! E não me queria corrigir, pois antes me queria salvar dos abismos a que me empurravam as necessidades do casamento. Debatíamo-nos, pois, num círculo fechado, movíamo-nos num beco sem saída.

Vai, uma vez, ela disse-me:

— Já não gostas de mim como dantes!

— És tonta — respondi eu, distraído.

— Não, — tornou ela — bem sei que não gostas! Serei muito estúpida... muito pouco ilustrada... mas entendo algumas coisas.

Olhei-a, e, de repente, *vi-a*: tal como a via dantes, quando não sabia que espécie de amor ela me inspirava: pequenina, frá-

gil, encantadora, com os seus olhos volúveis na cor como água, os seus cabelos ondados raiados de reflexos de oiro, o seu pescoço alto e fino, o seu quê de tocantemente pueril... Mas estava séria, agora, e o seu olhar perscrutava-me, cheio de tristeza e recriminações.

— Não gostas! não gostas! — repetiu com uma espécie de raiva.

— Maria Eugénia... — balbuciei, abalado — ora vejamos...

— Não gostas! Mas que mal te fiz eu? Anda, diz: Que tens tu contra mim?

Levantou-se, excitada pelas suas próprias palavras. Mas, inesperadamente, rompeu num choro que a sufocava, e de novo caiu no seu *maple*.

Tomei-a nos braços, apertei-a contra o peito, embalei-a, fazia-lhe festas como quando se quer calar uma criança dorida, e, ao mesmo tempo, lhe chamava tonta, lhe dava diminutivos meigos, um pouco ridículos, e lhe enxugava as lágrimas com beijos. Era a primeira vez que a via chorar; e vê-la chorar tornava-se-me intolerável. Parecia-me que ela nunca devera chorar.

— Bem sei que não sou mulher para um homem como tu... — murmurou contra o meu peito, por entre o seu choro que parecia não ter fim.

— Cala-te, cala-te...

Acabei por a levar ao colo para o nosso quarto. Nos meus braços, ela recuperava o seu ardor e a sua alegria. E era sempre como se uma força terrível e alheia — um ímpeto que me espantava, vindo não sei donde — convulsionasse aquele corpo quase de criança; no entanto firme, resistente, modelado, completo, de verdadeira mulher. Outra força havia na minha carne que correspondia àquela, e assim eram possíveis os nossos entendimentos provisórios, apesar do nosso desacordo, quase permanente, noutros campos.

Dessa vez, cheguei a esperar que (mas não sabia como, nem porquê) se iniciasse entre nós uma união doutra natureza. Pois não haveria nada, a não ser aquele delírio em que nos misturávamos, nada que transcendesse as nossas incompatibilidades?

Cheguei a lembrar-me de que fora educado numa família religiosa — e houvera um tempo em que também fora religioso: Talvez a religião tivesse alguma palavra a dizer-me que me iluminasse, me encaminhasse...

X

Antes começou, porém, entre nós, uma fase ainda mais estranha das nossas relações: Mentíamo-nos mutuamente; e ambos nos adivinhávamos muito bem um ao outro. De contínuo surgiam entre nós pequeninas questões, ridículos desacordos, a propósito dos quais nos fulminávamos com olhares secos e palavras de feroces subentendidos. Mas logo abafávamos a profunda animosidade que procurava respirar por esses breves escapes; — e das coisas importantes que verdadeiramente nos separavam, não, não se falava! Sorríamos forçados, pálidos, ainda, da violenta emoção que qualquer pretexto servia a solevar em nós, e desesperados, cada vez, porque mais uma vez denunciávamos um ao outro sentimentos profundos que queríamos esconder, aniquilar... Em público, esta triste comédia requintava. De modo que toda a gente, incluindo meus sogros, continuava a considerar-nos um dos mais felizes casais conhecidos. Intimamente, eu agradecia a minha mulher nunca se ter abrido com os pais: Tinha uma espécie de subtil pudor da nossa desgraça.

Na tendência, porém, que tantas vezes me dominava, para culpar Maria Eugénia, pensava: «Ela não se cala senão por vaidade! Não quer que se saiba que nos não entendemos... não quer dar esse gosto às amigas. Nem quer perder a sua posição social, ou as *toilettes* que lhe eu compro, ou o seu público prestígio de esposa amada e amante...» Noutros dias, pensava doutro modo: «Terá ela, alguma vez, sondado a realidade do nosso desentendimento? Sem dúvida, em alguns rápidos momentos se tem apercebido, ou parece ter-se apercebido, da profundeza das nossas incompatibilidades. Mas esses momentos passam. Bem capaz é ela de os esquecer: é tão pueril! tão fútil! Decerto lhes não vê ne-

nhuma continuidade verdadeira. Quem sabe se não julgará relativamente feliz o nosso matrimónio?» Então me vinha, às vezes, um movimento de amor — verdadeiro amor — por minha mulher: Desejava que assim fosse, e ela vivesse enganada; ou, pelo menos, não soubesse ver a verdade toda. Poderia julgar-se mais ou menos feliz, e só eu me sentiria desgraçado. Tantas coisas, todavia, me demonstravam a inconsistência desta interpretação!

Quanto ao mais, eu vivia, por assim dizer, *num desleixo*. Lutava por manter a minha reputação profissional, porque os gastos da nossa vida o exigiam: levávamos uma vida brilhante. Mas trabalhava sem prazer, ou procurando no trabalho o único prazer duma evasão ao meu infortúnio doméstico. Também ia desesperando de ter o filho que tanto desejava, como um laço que verdadeiramente nos unisse, minha mulher e eu: como uma santificação daquela nossa odienta mancebia. «Ela é estéril!» gritava de mim comigo «é estéril, como...» Nem ousava completar o meu pensamento, por envolver uma comparação brutalmente ofensiva para minha mulher. A hipótese de a esterilidade ser minha, não a queria admitir.

Por breves alusões que irresistivelmente era arrastado a fazer, Maria Eugénia entendera o meu desejo. O seu desejo, dela, é que não parecia coincidir muito com o meu. Pelo menos, disso tive uma declaração cabal. Uma tarde, à mesa, falávamos duma vizinha que era mãe pela sexta vez. Maria Eugénia observou:

— Seis filhos! Deus nos defenda.

Eu fiquei silencioso. Mas ela percebera que a minha vontade natural seria falar, desabafar. E por uma dessas pequeninas, poderosas tentações demoníacas de nos exasperarmos um ao outro largando remoques, sorrisos ou risos envenenados, gestos reticentes, Maria Eugénia insistiu, com uma espécie de sarcasmo:

— E ela é capaz de estar satisfeita!

— É capaz.

Toda a cena seguinte se poderia ter evitado, se me tivesse eu ficado por aqui. Cedi ao mesmo impulso nocturno e hostil a que ela cedia:

— É capaz, e é natural.

— Natural, com seis filhos?!

Bem eu compreendia que ela não procurava senão obrigar-me a falar. Quisera ficar calado, mas não podia resistir. Depois dum pequeno silêncio, disse:

— Olha, ao menos um, é quase indispensável num casal. E há mulheres que até não desgostam de ter mais. Nasceram para mães. Não acham isso uma desgraça, ter filhos...

Ela ficou um momento sem dizer nada. E eu via-lhe os dedos um pouco gordos, de unhas pintadas, (porque ela tinha os dedos um pouco grossos — pormenor em que só tarde reparara...) tremerem sobre o fruto que não conseguiam descascar. De repente, sem poder conter-se, ergueu-se de ímpeto. Voltou-se para mim, com uns olhos fixos:

— Eu não sou dessas, não é verdade? não é o que queres dizer? Pois é verdade! prefiro não estragar o meu corpo.

Esta confissão brutal indignou-me. Levantei-me também. E, sentindo-me empalidecer, perguntei-lhe:

— Só o teu corpo te interessa?

Estávamos um diante do outro, muito perto, olhando-nos com ódio; com verdadeiro ódio. Essa alusão ao seu corpo, à beleza do seu corpo que não queria estragar, fizera rugir em mim todos os meus ciúmes recalcados. Lembrei-me, neste momento, dos homens desconhecidos que ela olhava na rua, dos homens desconhecidos que a olhavam a ela, e a desejavam...

— E a ti? — disse-me ela — o meu corpo já te não interessa?

— Interessa-me de mais! — gritei sem saber o que dizia.

Pequenina, com o seu pescoço alto, a leve cabeça airosa erguida numa atitude ameaçadora, ela fazia-me pensar, agora, numa víbora que de sob os meus pés se erguesse para me morder.

— É isso o que te pesa, não é? ainda teres algum interesse por mim?

Eu voltara o rosto para a não ver: era-me demasiado penoso vê-la. Procurava reprimir as palavras grosseiras, violentas, que numa onda me vinham à boca. Por fim, só lhe disse:

— Estás satisfeita? Provocaste esta cena! Mas cuidado, Maria Eugénia...

Quando voltei a casa, Maria Eugénia estava doente, de cama. Falou-me com o rosto de lado, numa voz dorida, sem erguer os olhos para mim. Pediu-me que a deixasse sozinha essa noite. Dormi no quarto de hóspedes. Andámos ressentidos e magoados durante uns dias; embora nos falássemos, e comêssemos e dormíssemos juntos. Depois, recomeçou a nossa vida normal.

Normal? Sim, eu quase me ia habituando a tal género de vida. Esforçava-me por a considerar mais ou menos normal. Não viveriam assim a maior parte dos casais? É voz corrente que entre todos os casados há pequenas zangas, discussões, amuos... e depois tudo se resolve, precisamente em virtude de serem casados. O leito comum resolve muitas pendências, — não é esta a opinião das próprias boas e honestas mães de família? Estas coisas lembrava eu a mim próprio, no intuito de oferecer quaisquer satisfações ao que em mim havia de mais superficial, social, ou não sei quê. A verdade, porém, é que algumas vezes tais razões ou satisfações me pareciam simplesmente repugnantes! Via, então, com insofismável clareza, o fracasso da minha vida.

Quanto a Maria Eugénia, parecia adaptar-se muito melhor. As pequenas questões repetiam-se frequentes, por qualquer motivo ou até sem motivo. Como que havia entre nós um permanente e desconhecido motivo de luta. Quando a questão era mais tempestuosa, minha mulher descobrira o meio de me castigar: Recolhia à cama; e falava-me, depois, com o rosto de lado, numa voz dorida, sem erguer os olhos para mim, — acabando por me pedir que a deixasse sozinha essa noite. Afinal, não era só essa noite. Embora nos falássemos no dia seguinte, (às vezes, num tom terrivelmente afectado) Maria Eugénia, depois do jantar, dizia-me, simulando uma naturalidade e um desprendimento que bem sabia não me convencerem:

— Vens tarde?... Eu continuo adoentada. Tenciono deitar-me cedo. Boa noite!

Levava a perversidade a ponto de me estender a boca. E eu beijava-a com uma onda de raiva a dementar-me, porque já sabia o que significava aquilo: De regresso, acharia fechada a porta do nosso quarto; e teria de dormir mais uma, duas, três noites, no

quarto dos hóspedes. Isto humilhava-me até diante das criadas. Quando, à noite, Maria Eugénia repetia a cena, estendendo-me a pequena boca de lábio carnudo, rubro, algumas vezes subiu em mim o desejo de lhe morder essa boca, lha morder até sentir o gosto do seu sangue; e tomando, depois, nas mãos, nas minhas mãos, o seu pescoço alto, delgado, cor de marfim, apertar, apertar... Maria Eugénia conseguia exacerbar a este ponto o meu ódio por ela (ou pelo que nela eu não podia suportar) e o meu desejo da sua carne. Então, para me vingar, e também porque o sentia, eu gritava mentalmente, com furor e desespero: «Casei com uma prostituta! Ela sente como uma mulher perdida...» Para voltar, depois, a ser recebido no nosso quarto, tinha de fazer a corte a minha mulher. Eu conhecia o seu temperamento: Sabia que, para me repelir de si, ela fazia violência sobre si própria. Isto exasperava ao mesmo tempo o meu furor e os meus desejos. Após a reconciliação, o nosso amor, ou como se lhe chame, atingia o delírio dos primeiros tempos; mas infinitamente requintado, complicado, por tudo o que depois viera.

Assim ia correndo essa nossa vida que, noutros momentos, me esforçava eu ainda por considerar mais ou menos normal! Este era o lar que tinha, — eu que sonhara levar uma vida limpa, corajosa, activa, calma apesar dos inevitáveis embates, iluminada até ao fim pelo amor santificado duma verdadeira esposa, o respeito dos filhos, a honestidade do lar... E, às vezes, esta perplexidade pungente me assaltava: «Quais serão as minhas culpas em tudo isto? Sem dúvida também tenho culpas, e grandes...» Para esquecer, tanto quanto possível, o descabro da minha união conjugal, procurava remergulhar no trabalho. Ai! o meu interesse era forçado, e continuamente perturbado pelos episódios domésticos.

Por sua vez, Maria Eugénia distraía-se. Recomeçara a frequentar relações de solteira que o nosso casamento interrompera: relações que eu estava longe de aprovar inteiramente, por nem sempre me parecerem bem escolhidas e recomendáveis. Tinha muitas amigas, que a acompanhavam quando eu não podia. Tornara-se uma mulher extremamente elegante e mundana; em-

bora, para o meu gosto e para o meu senso, houvesse na sua elegância algo de extravagante, ou exibicionista, que me não parecia muito próprio numa senhora casada, nem muito distinto no melhor sentido do termo. Não me atrevia a criticar directamente nem as suas *toilettes* nem as suas relações; mas ela sabia perfeitamente o que eu pensava a tal respeito. Bela, estava mais bela que nunca! (se é que, na verdade, era bela). Quero dizer que mais do que nunca era eu invejado pelos outros homens como seu feliz possuidor legítimo. Aos olhos dos estranhos, e mercê duma espécie de tácito acordo em virtude do qual nos tratávamos, diante deles, com uma simulação que os enganava, — continuávamos passando por um casal feliz. É tão fácil enganar o comum das pessoas estranhas! Algumas vezes, no meio do nosso fingimento de felicidade conjugal, jogávamos um ao outro as mais aceradas ironias, ou trocávamos, até, olhares quase ferozes: ironias, olhares, que aliás nos não atrevíamos a trocar quando sozinhos, a não ser nos momentos de franca luta. Mas ninguém compreendia nada.

XI

Na realidade, três coisas me acorrentavam a minha mulher: O desejo, pois continuava eu a desejá-la como se deseja uma amante. Sem dúvida correspondia o seu tipo físico, a sua carne, a não sei que obscura e poderosa preferência da minha. O ciúme, pois nunca mais deixara este sentimento de estar ligado às minhas relações com ela; e a sua elegância, o seu género de vida, as suas relações, os seus divertimentos sem mim, o que eu via nos olhos dos outros homens quando a fitavam, o que julgava ler nos dela quando, por vezes, de relance *examinava* um simples desconhecido que nos roçava na rua, e até de aspecto que se me afigurava reles!, — tudo contribuía a exacerbar esse meu sentimento doentio. E uma terceira coisa muito diferente, pois era de carácter moral: a dolorosa dúvida sobre as minhas responsabilidades no nosso desentendimento. Sim, algumas vezes me vinha do fundo

de mim este problema: «Terei eu feito alguma coisa em favor de ela?» E à volta desta pergunta se multiplicavam as minhas perplexidades: «Teria eu tido a devida persistência no quase nada que ensaiara? Tentara, a valer, salvar a nossa união? Eu que sonhara contribuir para o progresso do mundo, para a reforma da criatura humana, — em que medida contribuía, realmente, sequer para o progresso moral da mulher com quem casara?» Um grande cansaço, porém, um grande cansaço, um grande desânimo e um desespero antecipado acompanhavam quaisquer minhas novas tentativas de «recomeçar o nosso casamento».

«A mulher com quem casara!» pensava, do mesmo passo «Mas que sabia eu, sequer, do seu passado, da sua vida de solteira, da sua verdadeira personalidade, das pequenas aventuras que já tivera, ou não tivera, quando a tomara por minha mulher? Quem me garantiria que, vendo-a passar pelo meu braço, nos não seguisse com olhos irónicos um ou mais de um homem?»

Tais eram os torvos laços que, não obstante a separação cada vez mais escavada entre nós, profundamente me prendiam ainda a Maria Eugénia. Assim íamos vivendo numa alternativa de pequeninas questões, palavras amargas ou de sentido duplo, ensaios mais ou menos frustrados de provisório entendimento, explosões de ressentimento e ódio, reconciliações só possibilitadas quer pelas exigências da carne, quer pela cobardia ante o escândalo e a opinião pública. Até que depois, qualquer coisa se me revelou de mais terrível, — que simultaneamente me poderia prender a Maria Eugénia por cadeias ainda mais sinistras, ainda mais tristes, e impossibilitar de vez toda a união moral...

Uma noite, havia espectáculo de gala no Teatro Nacional. Tínhamo-nos prevenido com bilhetes. Embora, para mim, aquela vida não fosse viver, (e talvez por isso mesmo) frequentávamos toda a espécie de diversões, continuando a levar uma brilhante vida mundana aos olhos de toda a gente. Vivíamos num esplêndido primeiro andar, não tínhamos filhos, oferecíamos sempre a mesma aparência dum casal feliz. Apesar das palavras, das expressões, das atitudes, das cenas em que, tanta vez, me revelara Maria Eugénia sentimentos não menos assustadores que os meus

próprios, ainda hoje me pergunto se ela teria verdadeira consciência da profunda incompatibilidade que entre nós se manifestava. Era tão pueril, tão fútil, tão propensa a divertir-se, tão fácil de se acomodar a qualquer vida que lhe não roubasse as suas vaidades femininas, os seus prazeres mundanos... E de cada vez que nos reconciliávamos, parecia esquecer tudo.

Ora nessa noite, eu vestira-me para o espectáculo. Esperava no meu gabinete, dispondo uns livros, quando Maria Eugénia surgiu à porta, embrulhada num casaco de luxo que não enfiara. Há uns dias que estávamos em boas relações. Mais uma vez — ainda mais uma vez! — prometera eu a mim mesmo consagrar-me à *regeneração* de minha mulher. Eis o termo que espontaneamente me acudia ao espírito, quando resolvia empreender uma educação que ninguém lhe dera no devido tempo.

Sorrindo, com os seus olhos fosforescentes erguidos para mim, ela deixou cair-lhe aos pés o agasalho de luxo. Tinha um vestido cor de fogo, sem enfeites, que, porém, lhe moldava todo o corpo franzino e sólido, como se ao mesmo tempo o cobrisse e o desnudasse. Mas os braços ficavam-lhe nus, completamente nus os ombros, e a nu o começo dos seios, entre quais brilhava uma rosa de crisólitas. Sempre sorrindo, Maria Eugénia voltou-se. O decote descia-lhe ainda mais, as costas ficavam-lhe nuas quase até à cinta. Não sei bem o que se passou em mim; senti uma onda de sangue queimar-me todo o rosto. Era milagre aquele vestido segurar-se, não cair. Por isso mesmo a imaginação via inteiramente nua aquela mulher, (por baixo dele parecia não haver nada) embora só o estivesse em parte.

Maria Eugénia voltou-se de novo. O mesmo sorriso de satisfação lhe pairava nos lábios sangrentos e polpudos; e os seus olhos brilhavam como as crisólitas da pequenina rosa entre os seios. Sim, estava provocadoramente bela! — e sabia-o. Quando o sabia é que tinha aquele sorriso nos lábios, aquela fosforescência nos olhos. «Que falta de senso!» pensei «Mas esta mulher não compreende... Será isto um desafio que me lança?» Eu não sabia se, na realidade, aquele vestido cor de fogo escandalizaria alguém. A mim, escandalizava profundamente.

O sorriso como que se embaciou na boca pintada de Maria Eugénia; (ela continuava a pintar só os lábios); e depois ficou parecia colado, empedernido, constrangido como o dum manequim. Decerto, alguma coisa lera Maria Eugénia no meu rosto, que lhe regelara a satisfação com que se me viera exhibir.

— Não gostas...? — perguntou-me timidamente.

— Maria Eugénia, — disse-lhe eu, sério — pode ser que esse vestido seja lindo. Mas não me parece muito próprio... Não, não gosto dele para ti!

Um ligeiro rubor lhe subiu à fronte, os seus olhos, de súbito, ficaram duros; e, ao cabo duma pausa, murmurou:

— Já devia esperar isso...

— Então... por que o escolheste? por que o mandaste fazer, se já suspeitavas que eu não gostaria?

— Não me visto só para ti... ou conforme o teu gosto. Não tens grande gosto nestas coisas.

— Maria Eugénia, — tornei, esforçando-me por domar a violência que me cachovava nas veias — bem sabes que já és uma mulher casada... uma senhora... E eu quero-te só minha! Tenho ciúmes, bem sabes, quando os outros alguma coisa podem ver, sequer, da tua beleza. Se me quiseres fazer a vontade...

Ela chegou-se a mim, passando-me os braços nus à roda do pescoço:

— Faz-me tu a vontade. Tu percebes pouco de modas. Asseguro-te que o vestido está perfeitamente próprio. E se me achas linda com ele...

Roçava-me os braços nus pelo pescoço, pela cara, chegando o seu corpo ao meu com uma gentil reserva que imitava o pudor, e era, sobretudo, preocupação de não amarrotar o seu belo vestido. Como doutras vezes, em que ela assim me vencia, já os meus braços apertavam a sua cintura contra os meus flancos, e os meus lábios, ainda sem beijar, passavam devagarinho na sua carne. De repente, afastei-a de mim com um sobressalto de revolta:

— Vamos, Maria Eugénia! Tenhamos juízo. Tu tens outros vestidos. Não te levo comigo assim vestida.

— Procurarei outra companhia — disse ela, fechando-se repentinamente num tom seco e ríspido.

Passou os dedos, muito de leve, pelo cabelo, a compor-se, e apanhou o casaco do chão. Deu um passo para a porta, ia sair, e eu gritei:

— Maria Eugénia!

— Que é?

— Queres que te diga que acho esse vestido pouco decente? Não basta dizer-te que não gosto dele?

— Haverá quem goste.

— Não me faças perder a cabeça, Maria Eugénia! Tu és uma mulher casada, e honesta, não és uma estrela de palco!

— Olha que não sei se sou honesta — disse ela com uma frieza propositada.

Cresci para ela, a tremer:

— Tu calas-te?!

— Não! — repetiu ela com o mesmo furor concentrado, afrontando-me — não sei! não sei se sou uma mulher honesta! Não gosto de agradar só a ti. E não é o que pensas de mim? anda, diz lá, não é?

Eu sabia que ela não gritava isto senão para se vingar, tendo compreendido que me exasperava e ofendia até ao mais raivoso desespero. Nunca, na verdade, me parecia tão inteligente como quando, erguendo para mim a sua pequena cabeça airosa de víbora, me fazia frente dizendo coisas destas. Então, o meu braço levantou-se de repente, e os meus dedos estalaram na sua face.

— Oh! — fez ela com um pequeno gemido sufocado. Vacilou, encolhendo-se um pouco contra a parede, como no receio de que eu lhe batesse mais. Depois levou os dedos, de unhas pintadas, à face onde aparecia uma roseta, e os seus olhos estavam abertos para mim, fitos numa expressão de idiotia que eu nunca lhe vira. Os seus seios seminus, onde brilhava o adereço de crisólitas, ergueram-se numa espécie de suspiro soluçado, como às vezes têm as crianças mimalhas. Então, a sua vista tornou-se-me intolerável. Saí para o corredor. Dei uns

passos, ao acaso, fui contra um móvel, estive parado uns instantes, sem pensar em nada. Lembrei-me, nem sei como, de averiguar se as criadas teriam dado fé da cena. Fui até ao fim do corredor, e ouvi-as falar na cozinha. «Não deram por nada!» pensei quase satisfeito. E voltei para dentro do meu gabinete.

Maria Eugénia estava ainda na mesma posição, com os dedos de unhas cor de púrpura na face inflamada. Meio encolhida, e apesar do seu belo vestido de gala, parecia agora insignificante, frágil, indefesa, como uma criança. De repente, sem relação nenhuma com esta imagem, vi-a vestida de noiva, com um sorriso tímido e feliz, tocantemente constrangido, — quando lhe eu metia o anel no dedo. Atirei-me então a seus pés, abraçando-a pela cintura contra o peito, num frenesi furioso:

— Perdoa-me! perdoa-me...

— Deixa-me — gemeu ela rompendo, finalmente, em soluços.

— Por causa disto! por causa disto! — repetia eu rasgando o seu vestido com as unhas e os dentes. E ao mesmo tempo a esmagava contra mim, a sacudia como querendo embalá-la, cobria de beijos esse mesmo seu vestido, e lhe levantava a cabeça para lhe sugar a boca ou beber as lágrimas nos olhos.

— Deixa-me... — continuava ela a gemer, quase nua nos meus braços. E de vez em quando:

— Isto não tem jeito! Temos de acabar com isto!

Mas não sabia defender-se. Parecendo-me, então, que os meus transportes poderiam aterrá-la, comecei a falar-lhe mais brandamente, a deitar as culpas sobre mim, a prometer-lhe um futuro completamente diverso, convencido, na verdade, de me ser possível tratá-la de aí em diante como ela deveria ser tratada, como uma pobre criança que era preciso proteger, — tudo no meio de carícias agora extremamente demoradas, voluptuosas, instintivamente requintadas...

E nessa noite, o nosso delírio ultrapassou o das nossas primeiras noites de amor. Nunca o meu prazer fora tão profundo; e eu bem sabia que o dela igualava o meu.

Quando, na manhã seguinte, acordei do longo entorpecimento como quem volta dum abismo de inconsciência, a lembrança de tudo caiu sobre mim, sufocante. A minha impressão era de ser um homem perdido, amarrado a uma mulher perdida. Algo de irremediável e tenebroso se dera na minha vida, — que eu já não podia remover. E tudo via, agora, com insofrível clareza, sentado na cama ao lado de Maria Eugénia, que ainda dormia: Que poderia ser, de ora em diante, a nossa vida? Sem dúvida se repetiriam, com mais ou menos longos intervalos, as cenas da véspera. Eu habituar-me-ia a bater-lhe, tratando-a, nesses momentos, como um carroceiro ou um *souteneur* trata a amante. Ela habituar-se-ia a que eu lhe batesse. Mais facilmente se igualaria, essa mulher que era minha mulher, à desgraçada amante do *souteneur* ou do carroceiro, do que se tornaria a esposa que eu sonhara. E depois viriam as reconciliações, as lágrimas, as promessas, as carícias, o delírio no leito comum. O nosso prazer complicar-se-ia, exasperar-se-ia pela própria lembrança das brutalidades anteriores... A nossa triste união cimentar-se-ia da nossa própria ignomínia. Viveríamos atolados na indignidade, na perversão, — e ricos, sem filhos, oferecendo as mais brilhantes aparências mundanas aos olhos exteriores. Ou, então, as criadas acabariam por dar conta do nosso viver. Falariam. Todos os nossos conhecidos saberiam tudo, e comentariam «a coisa» entre si, embora, claro está, como gente condescendente e bem educada, (demais a mais experiente de vários casos parecidos — com ou sem brutalidades — em vários casais) perfeitissimamente fingissem connosco nada saber. Eis o lar que me estava destinado, a mim que sonhara um verdadeiro lar!

Quando o remoer destes pensamentos terrivelmente lúcidos se me tornou insuportável, deixei-me escorregar da cama. Abafava, agonizava nesse quarto conjugal! Entreabri as portadas da janela, entrou um raio de sol. O dia já devia ir alto. Contemplei, então, demoradamente, minha mulher. Ela meneara-se um pouco, mas continuava dormindo. Tinha um braço nu de fora da

roupa, estendido para o meu lado, e, como estava mais exposto à luz, eu via uma veiazinha azul que lhe vinha ter ao pulso. O pescoço quase demasiado longo (e que, todavia, não chegava a sê-lo) emergia, cor de marfim, grácil e ao mesmo tempo firme como um caule, das rendas amarrotadas da camisa. E de narinas no ar, a boca entreaberta, a cabeça derrubada sobre os cabelos desmanchados, solevando e abaixando o lençol fino com o arfar cadenciado do seio, ela tinha uma expressão de tranquilidade que me pareceu insolente, com não sei quê de cândido, ou satisfeito, e, ousarei dizê-lo, bestial...

Os meus olhos foram de ela para todo o quarto; encontraram, quase esfrangalhado no tapete, o vestido cor de fogo; depois recaíram nela. Atraía-me aquela boca meio aberta, que me apetecia, mais uma vez, morder. Mas aquele pescoço alvo e tentador, veio-me ideia de o tomar nas mãos e apertar, apertar... «Maria Eugénia» disse baixinho, comigo. Tive uma espécie de súbito pavor, juntei a minha roupa, e fui-me arranjar para o quarto de banho. Depois, saí para a rua. Estava um dia admirável; ou devia de estar um dia admirável: porque a mim, aquele sol magnífico parecia-me estranho, frio apesar de espalhar calor e luz. Também aquele céu azul me não dizia nada. Chamei um táxi, mandei que me levasse para a Baixa. No Rossio, porém, todo aquele movimento da vida usual me deu a mesma impressão insólita de pertencer não ao mundo tão meu conhecido, mas a um *mundo separado de mim*, alheio, longínquo apesar de tão perto. Eu andava como sonâmbulo no meio de tudo; e, acordando a espaços, via as pessoas apressadas que se cruzavam, os pequenos grupos nos passeios, os eléctricos subindo ou descendo com a sua alegre estridência de ferragens e campainhas, as frontarias dos cafés e as fachadas das casas, os automóveis passando rápidos e buzinando. E sempre aquela animação me parecia já nada ter comigo, — por eu andar vivendo como num mundo à parte. Compreendi, então, que me não saíra um momento da cabeça, ou das profundezas do ser, aquele encadeado de sinistras previsões que, no meu quarto, me dera uma sensação de abafamento: «Que poderia ser, de ora em diante, a nossa vida? Sem dúvida se repetiriam, com

mais ou menos longos intervalos, as cenas da véspera. Eu habituar-me-ia a bater-lhe, tratando-a, nesses momentos, como um carroceiro ou um *souteneur* trata a amante. Ela habituar-se-ia a que eu lhe batesse. Mais facilmente se igualaria, essa mulher que era minha mulher, à desgraçada amante do *souteneur* ou do carroceiro, do que se tornaria a esposa que eu sonhara. E depois viam as reconciliações, as lágrimas, as promessas, as carícias, o delírio no leito comum.» Etc., etc. Meti-me noutra táxi, voltei para casa. Entrei sub-reptício, procurando amortecer o ruído dos passos a ver se conseguiria passar despercebido de Maria Eugénia. No corredor, a criada, que me não esperava, deu um pequeno grito. Impus-lhe silêncio com o dedo nos lábios, furioso. Pelos olhos que ela esgazeou para mim, senti que o meu aspecto a amedrontava. Passando perto da casa de banho, ouvi Maria Eugénia cantarolar dentro. Aproveitei, então, a oportunidade, e fui buscar uma pequena mala; enchi-a, quase ao acaso, de roupa minha que remexi nas gavetas, descí as escadas, deixei a mala junto à porta. Voltei a subir sem rumor, fechei-me no meu gabinete. Peguei duma folha de carta, e escrevi:

Maria Eugénia

Tenho de partir. Saio de Lisboa. Não posso continuar a viver com a mulher contra quem levantei a mão, nem essa mulher deve poder continuar a viver dignamente comigo. Perdoa-me e procura ser feliz. Muito breve receberás outras explicações e terás notícias minhas. Não te aflijas. Assim é melhor para ambos.

Assinei, meti isto dentro dum envelope, escrevi fora: *para a Maria Eugénia*; deixei a carta sobre a minha mesa de trabalho e encostei a porta do gabinete. Na realidade, eu não compreendia claramente que só entrara em casa para fazer estas coisas senão à medida que as ia fazendo.

Passava eu no corredor, e Maria Eugénia saía do quarto de banho. Era espantoso! Vinha toda fresca no seu roupão de seda, parecia já se nem lembrar da nossa tempestuosa cena da véspera.

— Ah! — fez ela — pensei que tinhas saído. Mas que tens?

— Eu?! nada.

— Estás com uma cara esquisita. Mas não tinhas saído?

— Tinha. Voltei porque precisava deste livro.

— Livro? que livro?!

Eu não trazia livro nenhum comigo, nem pasta ou o quer que fosse onde o metesse. Ri forçado, esbocei o gesto de palpar o bolso interior do casaco.

— Quero dizer: uns papéis.

Hesitei um instante, disse:

— Até logo.

Suavemente, ela poisou a mão no meu peito.

— Não tens boa cara...

E baixando um pouco a voz:

— Ainda é por causa das cenas de ontem? Não jurámos esquecer isso?... para sempre? Não vamos agora ser sempre felizes?...

Fitei-a com uma intensidade que eu próprio sentia. E de repente, agarrando-lhe a cabeça entre as mãos trémulas, mordi-lhe a boca de modo que ela se debateu um pouco.

— És bruto... — gemeu, entre ressentida e agradada. A sua voz tinha um tom de magoada meiguice, um amolecimento que eu bem conhecia. Foram estas as últimas palavras que lhe ouvi. E, mais uma vez, eram palavras que profundamente chocavam não sei quê de muito delicado no meu ser. Não obstante, correspondiam perfeitamente à violência do meu gesto.

XIII

De casa de meus pais, aonde me acolhera, escrevi a minha mulher propondo-lhe o divórcio, com todas as condições favoráveis para ela e todas as culpas sobre mim. Houve protestos, escândalos, tentativas de entendimento, etc. Mas eu consegui libertar-me, e em parte salvei a dignidade da minha vida. Minha ex-mulher continuou a ser uma mulher da moda, embora num

meio já inferior (no meu entender) ao que fora nosso. Parece-me que teve amantes; parece-me nem sei que mais. Sempre evitei voltar a encontrá-la, voltar, sequer, a vê-la, — o que nem sempre me foi possível — mas não desconhecer inteiramente a vida que levava. Isto, não podia! Tinha de saber que ela não descia de todo, nem era desgraçada. Creio que, de certa maneira, comecei a amá-la um pouco melhor, desculpando-a como se desculpa quem morreu, — depois que nos separámos. Ainda bem!, ainda bem que ela tem sabido manter, até hoje, uma aparência de dignidade mundana sobre a verdadeira decadência moral que é sua. Ainda bem que tem sabido não cair no número daquelas a quem a opinião pública ostensivamente condena. Isto bastará, decerto, para que não seja infeliz, facilitando-lhe, demais, vida quase luxuosa a pensão que me obriguei a atribuir-lhe.

Quanto a mim... Sabem o que é um homem perfeitamente desenganado, todavia não mau, e persistindo sempre em respeitar qualquer coisa de superior que nem sabe bem definir? Eis, me parece, o que fiquei sendo. Mas a lembrança do meu casamento sempre me ficou pungindo, e nunca a remexo sem que dois profundos sentimentos se me descubram como enraizados na alma: o da revolta, ou indignação, e o do remorso. Revolta contra uma traição de que fui vítima, — que traição, porém? — e remorso dum crime de que me sinto culpado sem saber qual, sem saber porquê.

PEQUENA COMÉDIA

I

Mal se espalhou pela vila que o Feliciano Medeiros caíra na rua com uma congestão, um pensamento fulgurou no cérebro não muito amplo da boa D. Assunção Meireles: «Agora! agora é que *ela* há-de saber tudo!» E talvez nem seja demasiado arrojo afirmar-se que mal chegara D. Assunção Meireles a sentir a morte de Feliciano — marido da sua amiga Estefânia — tal a satisfação, a desopressão, o alívio que lhe proporcionava esse pensamento. «Agora é que *ela* há-de saber! agora é que *ela* há-de saber!» continuava pensando a excelente senhora durante os dias de mais tempestuosa dor da sua amiga.

Ora esta obsessão da excelente senhora tem a sua história. E será preciso dizer-se (não o adivinhou, já, o leitor?) que o *ela* do seu desabafo se reportava precisamente a D. Estefânia Laranjo Soares Medeiros — ao presente viúva na verdade inconsolável?

II

Quando, uns vinte e cinco anos atrás, se soube na vila que o Feliciano Medeiros pedira a mão da Estefânia Soares — foi um